



Agroecologia e Economia Feminista – O protagonismo das mulheres camponesas e quilombolas de Barra do Turvo

Agroecology and Feminist Economy – The protagonism of the woman peasants and quilombolas of Barra do Turvo

Meirelles, Helga Kress

Universidade de São Paulo, helga.meirelles@usp.br

Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: A agroecologia tem sido uma importante ferramenta de luta e resistência para as comunidades tradicionais de Barra do Turvo conseguirem permanecer em seus territórios e junto às propostas da Economia Feminista, têm contribuído para o fortalecimento da autonomia política e financeira das mulheres quilombolas e camponesas. Por meio das práticas de solidariedade e reciprocidade, essas mulheres têm se organizado e se emancipado política e financeiramente.

Palavras-chave: Feminismo; Autonomia; Campesinato; Comunidades Quilombolas; Vale do Ribeira.

Abstract: The agroecology has been an important tool of struggle and resistance for the traditional communities of Barra do Turvo to remain in their territories and, together with the proposals of the Feminist Economy, have contributed to the strengthening of the political and financial autonomy of quilombola and peasant woman. Through the practices of solidarity and reciprocity, these women have organized and emancipated themselves politically and financially.

Keywords: Feminism; Food Sovereignty; Peasantry; Quilombola Communities; Vale do Ribeira

Introdução

O Vale do Ribeira é uma região de intensos conflitos por disputas de distintos interesses. As comunidades quilombolas ali presentes têm enfrentado diferentes formas de ameaças que dificultam sua permanência nos territórios historicamente ocupados pelos seus antepassados, seja pelo desamparo estatal, pelas políticas conservacionistas, quanto pela especulação imobiliária. Apesar do avanço obtido por meio da luta pela retencionalização do Parque Estadual para o Mosaico do Jacupiranga, as populações ainda sofrem as restrições que são impostas segundo uma lógica que abarca uma concepção de natureza que fortalece uma minoria dominante. Como forma de resistir às ameaças e se fortalecerem em seus territórios reproduzindo seus modos de vida, a agroecologia vem sendo uma das principais estratégias de luta e resistência. Nesse processo de disputa, as mulheres camponesas e quilombolas de Barra do Turvo têm exercido um papel fundamental na manutenção e reprodução de suas famílias e comunidades.

Para Siliprandi (2009) mais que uma proposta de mudança tecnológica, a agroecologia define também um paradigma de desenvolvimento, no qual é necessário



garantir a sobrevivência das pessoas assim como do planeta. É uma proposta que vai além da agricultura, inclui a construção de outras maneiras de (co)existir. Busca-se no movimento agroecológico uma transformação social, com base na justiça e equidade social. Para tanto, ganha centralidade também o relacionamento *entre as pessoas*, como destaca a autora, e não somente dos seres humanos com o meio natural. É nessa construção que se abre espaço para o questionamento das desigualdades de poder existentes.

Existe em nossa sociedade uma separação entre as esferas da produção e reprodução que organiza essa economia capitalista e patriarcal (FARIAS, 2014). Na divisão e hierarquização sexual do trabalho, os homens são relacionados a esfera produtiva – produção de bens com finalidade comercial e econômica – enquanto as mulheres são responsabilizadas pela esfera reprodutiva – produção doméstica de bens e serviços e o cuidado. Enquanto o primeiro é detentor de valor de troca e reconhecimento social, o trabalho reprodutivo em sua maioria é considerado como “ajuda” (SCHOTTZ et al.) e/ou concebido como obrigação. Dentro desse pensamento econômico dominante, só possui valor aquilo que pode ser trocado no mercado, portanto não somente desconsidera parte do trabalho fundamental para reprodução da vida, como também invisibiliza quem realiza este trabalho.

No geral, no debate sobre o campesinato destaca-se o papel da família, não problematizando as relações de poder ali presentes e os papéis desenvolvidos pelos membros. Sendo assim, ao pensarmos na articulação do trabalho camponês é necessário considerar também as relações de poder e os papéis que cada membro desenvolve no interior da produção familiar. A falsa aparência de autonomia da esfera de produção em relação à esfera da reprodução mascara a dependência que a esfera mercantil e salarial possui do trabalho doméstico e dos bens e serviços que são produzidos na esfera da reprodução, ou seja, do trabalho não remunerado que é realizado nos lares pelas mulheres (ANA, 2017). “Isso exclui um conjunto de atividades, trabalhos e relações que não são monetizados, não circulam em troca de dinheiro, mas que sem eles a economia não pode se mover e nem a vida pode se reproduzir a cada dia” (SOF, 2018, p.17).

Existe no pensamento econômico atualmente hegemônico um certo silêncio conceitual sobre o sentido e o valor econômico desse trabalho e sua articulação com os processos de geração da riqueza, tanto na escala familiar quanto no conjunto da sociedade (ANA, 2017), que colaboram com a compreensão do trabalho doméstico e de cuidados como alheios à esfera econômica. Nesse sentido o feminismo vem para questionar essa “forma dominante de pensar a economia, que considera relevante apenas uma pequena parte do conjunto das atividades necessárias para produzir a vida e mover a sociedade” (SOF, 2018, p. 17). Portanto, buscou-se neste trabalho apontar para o papel central que as mulheres ocupam na família e nas comunidades, assim como para a sua produção. São elas as principais responsáveis pelo cuidado de sua família e são também quem mais sofrem com as consequências diretas tanto da degradação ambiental quanto das restrições de uso de seus territórios com a implantação das leis sob a ótica do Estado do conservacionismo ambiental.



Metodologia

Para acompanhar e compreender a realidade das mulheres quilombolas e camponesas de Barra do Turvo, estão sendo realizado diversos trabalhos de campo no município. Por meio da observação participante tem-se acompanhado as mulheres nos diferentes âmbitos da vida. A intenção de vivenciar o seu dia a dia se dá em virtude do interesse em abranger e compreender as diversas dimensões presentes no seu cotidiano, para que consigamos apreender os aspectos da vida tanto em comunidade quanto em família.

Resultados e Discussões

A invisibilização do trabalho reprodutivo que a mulher realiza têm mais consequências que a não geração de renda. A sobrecarga que é vivenciada por muitas camponesas e quilombolas pela ausência de uma divisão do trabalho doméstico e de cuidados têm comprometido sua participação nos espaços públicos, nas associações, coletivos, movimentos sociais e outras formas de organização. Elas também apontaram que dispõem de menos tempo para o autocuidado, para olhar para a própria saúde e alimentação, para o lazer, para seus estudos e aperfeiçoamentos, ou seja, têm menos oportunidades de se aprimorar, conhecer pessoas e trocar conhecimentos e experiências.

Apesar de invisibilizada, a economia doméstica e de cuidados precisa ser considerada ao pensar a organização e produção familiar. É no espaço doméstico onde muitos produtos são beneficiados, onde são também realizados serviços indispensáveis ao bem-estar da família e da comunidade e onde muitas horas são dedicadas, tendo como resultado uma economia de recursos que nem sempre é reconhecida. Os espaços femininos – os quintais, os pomares, as pequenas criações e hortas aos arredores das casas – são fundamentais para a reprodução e manutenção das famílias. As atividades que tradicionalmente são exercidas pelas mulheres são importantíssimas para a segurança alimentar, para geração de renda e economia de recursos, já que produzindo não ficam pendentes de comprar de terceiros, e também para a conservação da biodiversidade.

A diversidade da produção nas propriedades é grande, de forma que as famílias se alimentam majoritariamente a partir do que produzem. Atualmente, as atividades produtivas para o consumo e comercialização das comunidades quilombolas são realizadas por meio dos roçados que podem ser cultivados pelos sistemas de coivara e/ou nos sistemas de agroflorestas – vinculados ou não pela Cooperafloresta, das criações de animais de pequeno porte e das hortas e quintais. A agroecologia parte da inseparabilidade dos sistemas sociais e ecológicos (SILIPRANDI, 2009) e nessa perspectiva, o sistema de coivara é não somente Patrimônio Cultural e do Brasil – reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) –, mas também uma parte fundamental do sistema de reprodução e regeneração da Mata Atlântica, não sendo ao acaso a região ter a maior área de remanescentes do bioma.



A consciência da mulher sobre o meio e a necessidade de cuidar e preservar está mais relacionada com as suas condições de sobrevivência do que a suposta ligação essencialista da feminilidade da mulher com a natureza. A mulher ao cuidar da horta, dos animais, do pomar, da casa, da alimentação, da família, tem uma relação cotidiana muito mais estreita com a natureza. Ela tem a consciência da necessidade daquele meio, daquele espaço continuar proporcionando a ela a reprodução de sua família e da comunidade. Nesse sentido, é importante ressaltar que tais preocupações são fruto também de uma construção social para que não nos limitemos à uma perspectiva essencialista, uma vez que as mulheres se tornam mulheres através de um processo de construção social.

As mulheres têm uma grande preocupação com a qualidade da alimentação, tanto delas mesmas, quanto de suas famílias e das pessoas com quem convivem. As relações de parentesco e de vizinhança, assim como os laços de solidariedade e reciprocidade, estão fortemente presentes no cotidiano das camponesas e quilombolas. Existe ali uma lógica do cuidado que transcende o núcleo familiar de modo que todos consigam suprir suas necessidades. Nesse sentido, a produção que realizam tem como prioridade o bem-estar de sua família, de seus vizinhos e de pessoas com quem convivem. É com muita satisfação que as mulheres apresentam a sua produção e, na maioria das visitas nas propriedades, tem em comum o fato de ressaltarem dois aspectos centrais: o de poder voltarem a trabalhar para elas mesmas e que quase tudo que consomem vêm do que produzem.

Dessa forma, a intenção da produção agroecológica vai para muito além da comercialização, tem como objetivo principal garantir a segurança alimentar e nutricional com alimentos cheios de vida e saúde. É claro que o fato de poder comercializar o excedente não pode ser ignorado, uma vez que proporciona às mulheres uma maior autonomia financeira. Mas, o principal é de não terem que estar subordinadas à exploração do trabalho por terceiros, de ter uma autonomia do seu tempo e garantirem o sustento – com qualidade – para suas famílias. Para as mulheres, cuidar da família e da produção é muito satisfatório, porém, em uma sociedade capitalista e patriarcal em que a exploração e expropriação está acima do valor da vida, é fundamental que se reafirme que tais atividades são também trabalho, sendo ainda o pilar para a reprodução desse mesmo sistema.

É importante destacar também a articulação da organização feminista Sempre Viva (SOF) com as mulheres do município. Por meio de diferentes atividades e dinâmicas, a SOF tem buscado auxiliar com a construção da autonomia pessoal, política e econômica das mulheres do Vale do Ribeira. Como fruto desta articulação, foi construído uma rede de mercado solidário junto às mulheres camponesas e quilombolas de Barra do Turvo. As mulheres também têm comercializado produtos beneficiados por elas mesmas tanto na feira semanal que ocorre no município, quanto em feiras para além da região do Vale, como a feira feminista e solidária organizada pela Amesol em São Paulo.

Os grupos de mulheres foram se organizando com o acompanhamento da instituição com o propósito de implementar e também compartilhar práticas agroecológicas e



ainda construir canais de venda direta de seus produtos. Esses grupos, para além do viés econômico, se tornaram também espaços de acolhimento e fortalecimento das mulheres. Os espaços de reflexão dos grupos têm colaborado com a conscientização das atividades e experiências realizadas por elas, auxiliando no reconhecimento de que sua contribuição não é só uma ajuda. Uma das ferramentas utilizadas para dar visibilidade ao trabalho realizado nas roças e quintais foi a caderneta agroecológica, permitindo terem consciência e autonomia sobre a renda que geram (SOF, 2018) e da economia que conseguiram fazer não dependendo de comprar no mercado.

A participação em atividades organizadas pela SOF, a comercialização de sua produção em uma escala maior junto à organização dos grupos e reuniões de mulheres, proporcionou a elas uma maior confiança em si mesmas e em seu trabalho. As mulheres identificaram uma mudança de comportamento consigo mesmas, com seus companheiros e familiares e também com a sociedade no geral. Se sentem mais confiantes, sabem o valor das atividades que realizam, dos seus produtos e de seu trabalho, ou seja, tem se fortalecido enquanto mulheres, agricultoras e quilombolas.

Conclusões

A organização das mulheres camponesas e quilombolas em Barra do Turvo tem contribuído para o reconhecimento das atividades que realizam no seu cotidiano como o cuidar da horta, dos pequenos animais, os afazeres domésticos, o cuidado com terceiros, como trabalho fundamental para a reprodução da vida. Tem-se ainda um longo caminho a ser percorrido para que consigamos atingir uma distribuição mais justa do trabalho doméstico e de cuidados, não somente no interior da família, mas também por meio de políticas públicas do Estado. A proposta agroecológica junto com os questionamentos da Economia Feminista vem colaborando com uma maior autonomia financeira e política dessas mulheres que cada vez mais vem se fortalecendo e tornando protagonistas de suas próprias vidas. Ao colocar em questão diferentes pautas como a alimentação saudável, diversificação da produção, o não uso do veneno, a economia doméstica, tem-se aberto espaço para outras mudanças de paradigmas e padrões, como a questão de gênero.

Agradecimentos

À todas as mulheres de Barra do Turvo que têm me acolhido tão generosamente nessa jornada, em especial à Nilce; à SOF não somente pela oportunidade de poder acompanhar o trabalho que tem realizado, mas por colaborar com o fortalecimento e autonomia de todas as mulheres; à minha orientadora Valéria, que nos inspira a seguir por um mundo mais justo e que abraçou comigo este projeto e por fim, ao nosso grupo de estudo “Saberes em diálogo”.

Referências bibliográficas

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Desconstrução dos
Sistemas Agroindustriais



ANA Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil). **Método de análise econômico-ecológica de Agroecossistemas** / Paulo Petersen ... [et al.]. – 1. ed.- Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017.

FARIAS, Nalu. **Economia Feminista e agenda de luta das mulheres no meio rural**. 2014. SOF. Disponível em: <http://sof2.tempsite.ws/wp-content/uploads/2014/03/Economia-feminista-e-agenda-de-luta-das-mulheres-no-meio-rural-Nalu.pdf>. Acesso em out. 2018.

SCHOTTZ, Vanessa; MARONHAS, Maitê e CARDOSO, Elisabeth. É trabalho, não é ajuda! Um olhar feminista sobre o trabalho das mulheres na agroecologia. **Revista Agriculturas**, v. 12, nº 4, dez. 2015.

SILIPRANDI, Emma Cademartori. **Mulheres e Agroecologia**: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 2009. 291 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOF SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. **Práticas feministas de transformação da economia**. Autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2018.